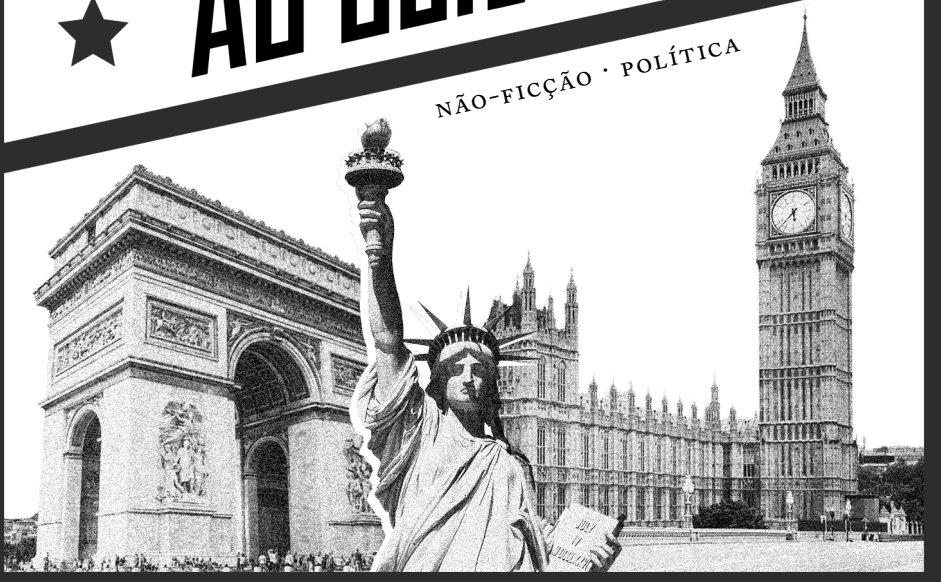
KONSTANTIN KISIN

CARTA DE AMOR DE UM IMIGRANTE AO OCIDENTE

NÃO-FICÇÃO · POLÍTICA



Para Alina, sem a qual nada seria possível e tudo seria inútil.

«A força ou a fraqueza de uma sociedade dependem mais do nível da sua vida espiritual do que do seu nível de industrialização. Nem uma economia de mercado nem sequer a abundância generalizada constituem o corolário supremo da vida humana. Esgotadas as energias espirituais de uma nação, nem mesmo a mais perfeita estrutura governamental ou qualquer desenvolvimento industrial poderão salvá-la do colapso. Nenhuma árvore com o tronco doente pode sobreviver.»

Aleksandr Solzhenitsyn

Índice

Prefácio 13

1. Acredite em mim – o Ocidente é melhor 17
2. Uma chapada de realidade para os ocidentais 35
3. Pare de se sentir culpado por causa da raça, da branquitude e da escravatura 55
4. Liberdade de expressão – e porque é importante 69
5. Como a linguagem é usada para esconder a verdade . . 83
6. Porque precisamos de jornalistas, e não de activistas . . 93
7. A palavra C (capitalismo) 107
8. A outra palavra com C (comédia) 119
9. O ponto de vista de um imigrante sobre a imigração . . 135
10. Devo voltar? 153
11. Dez maneiras de destruir o Ocidente 167

Prefácio

Quando, em 2021, iniciei a escrita deste livro, comecei-o com um prefácio que acreditava sumarizar, da forma mais clara possível, o desafio que o mundo ocidental enfrentava. Quando o mostrei a amigos, disseram-me que era «lindo» e «muito bem escrito», mas instaram-me a não o incluir pois era «melodramático».

Segui o conselho deles.

Contudo, pouco antes de o livro seguir para impressão, em Fevereiro de 2022, forças russas invadiram a Ucrânia. Espero, com todo o meu coração, que quando vierem a ler estas palavras o conflito já tenha terminado. Sem dúvida nenhuma que, de forma a ajudar as sociedades ocidentais a lidarem com o choque e a surpresa da invasão, inúmeros artigos foram já escritos sobre o como e porque é que tudo aconteceu.

Existem já explicações de ordem política, económica, histórica, militar e até religiosa que, de alguma forma, justificam a irrupção de uma guerra na Europa no século XXI. Muitas fazem todo o sentido, algumas são até verdadeiras. Mas há um outro tema mais vasto que poucos comentadores compreendem ou desejam conhecer, e que constitui o tema deste livro e do prefácio original que abaixo se inclui:

> O Mausoléu Gur Emir situa-se no coração da antiga cidade de Samarkanda, no actual Uzbequistão. A magnífica estrutura, coloquialmente conhecida como o Túmulo do Comandante, foi construída para preservar os restos mortais de Tamerlão, um terrífico conquistador que construiu a sua imagem segundo o modelo de Genghis Khan. A sua lápide tem inscritas as palavras: «Quando me levantar do mundo dos mortos, o mundo inteiro tremerá.»

No dia 21 de Junho de 1941, antropólogos soviéticos, liderados por Mikhail Gerasimov, abriram a sepultura, a mando de Josef Estaline, e exumaram o cadáver de Tamerlão. À medida que o cheiro a incenso, rosa, cânfora e resina se espalhava no ar, Gerasimov e a sua equipa descobriram uma inscrição adicional no interior do caixão: «Quem quer que perturbe a minha sepultura desencadeará um invasor mais terrível do que eu.» Na manhã seguinte, a Alemanha nazi de Adolf Hitler invadiu a União Soviética.

A história da Humanidade é uma série de sepulturas por abrir, as quais encerram não apenas as histórias do nosso passado como também guardam avisos acerca do nosso futuro.

Ao tempo em que escrevo estas palavras, em Janeiro de 2021, o Ocidente sofre as consequências de uma pandemia global. A covid-19, um vírus do corpo, trouxe a devastação a milhões de pessoas em todo o mundo e forçou os nossos governos a tomarem medidas sem precedentes cujas consequências somente irão manifestar-se à medida que os anos passem. O vírus e a nossa resposta colectiva zelosa revolucionaram a economia global, privaram-nos das nossas liberdades cívicas e causaram danos inimagináveis em todas as áreas das nossas vidas.

Mas outra epidemia devastadora espalhou-se como fogo em erva seca por todo o mundo ocidental, particularmente na anglo-esfera, e não mostra sinais de dar tréguas. Ao contrário da covid, este é um vírus da mente.

Se tiver tido a sorte de conseguir evitar o *Twitter*, não trabalhar numa indústria progressiva e não for um recém-licenciado, o seu conhecimento deste vírus será residual. E pode muito bem ser que ainda não tenha ouvido falar em conceitos como Teoria Crítica da Raça, Justiça Social ou Wokismo[1]. Invejo-o.

[1] No original, Konstantin Kisin escreve «*wokeness*». Optámos pela tradução para «wokismo» porque, na verdade, o que parece ser colocado em causa é a «cultura *woke*» enquanto ideologia. De qualquer modo, os dois termos referem-se ao mesmo conceito-base, mas com nuances diferentes na forma como são utilizados, frequentemente com conotações e leituras opostas dependendo se o termo é usado por apoiantes ou críticos das suas preocupações. «*Wokeness*» surgiu, originalmente, nos EUA, significando estar «acordado» ou «desperto» para um conjunto de injustiças sociorraciais históricas. O mesmo evoluiu para o conceito de «wokismo», abrangendo a consciência geral acerca de várias formas de discriminação e desigualdade. (*N. do T.*)

Ainda assim, se está a ler este livro provavelmente já se terá apercebido de que o mundo à nossa volta está a mudar a uma velocidade sem precedentes.

Terá, talvez, notado uma mudança dramática no tom dos discursos públicos. Hoje, quase dois terços dos norte-americanos dizem ter medo de expressar as suas opiniões políticas, incluindo uma maioria de Democratas (52 %), Independentes (59 %) e Republicanos (77 %). Em Inglaterra, quase metade de nós sente o mesmo receio em expressar aquilo que pensamos, enquanto apenas 20 % se sentem mais livres para o fazer do que o que acontecia há poucos anos.

E talvez se tenha apercebido de como, de forma perturbadora, homens e mulheres têm sido posicionados não como parceiros, mas como adversários, como se numa qualquer «Batalha dos Sexos». E pode ainda ter-lhe chamado a atenção o modo como as nossas conversas sobre raça vieram a constituir-se como motivos de divergência ao invés de nos aproximarem.

Pode, com alguma perturbação, ter testemunhado o vandalismo ou o derrube de estátuas de figuras históricas às mãos de multidões em fúria. Talvez o seu patrão tenha convidado para ir à empresa alguém para lhe explicar que o facto de ser branco o mancha com uma espécie de pecado original, ou que ser negro ou castanho faz de si uma vítima perante a vida.

Pode até ter estado do lado certo destas questões durante anos e anos. E pode ter pensado que apenas pessoas intolerantes deveriam preocupar-se ao expressarem as suas opiniões mais polémicas, que os homens são tóxicos e que as pessoas brancas deveriam ser julgadas pelos terríveis crimes dos seus antepassados, bem como pelos seus privilégios herdados na sociedade. Pode ter levado a sua vida a apoiar causas progressistas, contribuindo com dinheiro para acções caritativas em prol de grupos desfavorecidos e achar-se do «lado certo da História». E, porém, como descobriu J.K. Rowling, a sua crença nas leis básicas da biologia pode acabar por revelar-se a causa da sua ruína.

Mesmo que tenha sido afortunado o suficiente para evitar contacto directo com estes tópicos, pode, ainda assim, ter sentido uma sensação estranha. Algo que não consegue explicar e, para já, lhe é relativamente fácil ignorar. À medida que os seus dias vão correndo, distraído com a sua vida cheia de ocupações, convence-se de que as coisas só podem melhorar.

E, no entanto, naqueles raros momentos de reflexão, não consegue evitar um estranho pressentimento. Como explicá-lo, é difícil pôr em palavras, mas alguém, nalgum lado, acaba de abrir uma outra sepultura amaldiçoada.

As fases iniciais da Operação Barbarossa, o nome dado à invasão da União Soviética por Hitler, iniciadas a 22 de Junho de 1941, foram um grande sucesso. As tropas alemãs que tinham, de forma surpreendentemente rápida, avançado pela França, Bélgica e Países Baixos em 1940, avançavam então rapidamente rumo a Moscovo, massacrando a desorganizada resistência soviética à medida que ganhavam terreno.

O meu bisavô, que acabara de voltar a casa da Guerra do Inverno com a Finlândia, via-se agora atirado para um triturador de carne na frente ocidental juntamente com milhões de outros soldados para tentarem suster o avanço germânico. Como ele, a maior parte deles nunca regressou.

Se alguma vez teve oportunidade de fazer o percurso entre o aeroporto Sheremetyevo de Moscovo para a cidade talvez tenha reparado em três bizarras estruturas de metal que se encontram ao longo do caminho. São barreiras antitanque e revelam o quão próximo o inimigo esteve de conquistar a cidade.

Ao longo de toda a frente, a União Soviética lutou pela sua sobrevivência. E em nenhum outro lado como em Estalinegrado a guerra foi mais intensa. O combate feroz na cidade arrastou-se durante meses, com Estaline a sacrificar cada vez mais homens e material de guerra em reconhecimento de um simples facto: retirar já não era uma opção.

À medida que a Batalha de Estalinegrado se mantinha num impasse, a 20 de Dezembro de 1942, o corpo de Tamerlão foi devolvido à sua sepultura, sendo-lhe concedido um funeral islâmico formal. Em poucos dias, a União Soviética arquitectou um contra-ataque em Estalinegrado iniciando uma ofensiva que só terminaria depois de alcançar Berlim, salvando o mundo do domínio nazi.

Hoje, o destino do Ocidente encontra-se novamente numa encruzilhada. O túmulo da discórdia e da divisão viu a sua abertura forçada por um pequeno grupo de zelotas ideológicos. A rendição já não é uma opção. Das duas, uma, ou enterramos o machado e curamos as feridas ou o mundo inteiro voltará a tremer nos seus alicerces.

1

Acredite em mim – o Ocidente é melhor

As comunidades negras da América contemporânea usam amiúde a expressão «a conversa» – uma conversa na qual aconselham os filhos sobre como proceder acaso sejam parados pela Polícia. Recordo-me de os meus pais terem comigo uma conversa semelhante quando eu tinha sete anos e vivia na União Soviética.

Com a diferença de que – ao invés de aprendermos a acalmar polícias com dedos sensíveis no gatilho – nós éramos instruídos a como manter conversas privadas longe dos ouvidos do Estado.

Embora ainda fosse bastante jovem, eu era continuamente lembrado de que tudo aquilo que se falasse em casa, nunca, mas nunca deveria ser repetido fora da esfera familiar, fosse no recreio da escola, num parque público ou em casa de amigos, onde um adulto qualquer pudesse potencialmente escutar-nos. Acaso isso acontecesse, e se eles informassem as autoridades, as consequências poderiam ser catastróficas.

Isto pode parecer excessivo, ou até um pouco paranóico – uma vez que a minha mãe e o meu pai eram dois obcecados pelas teorias da conspiração e tinham uma pancada por David Icke e Alex Jones –, mas a grande ironia é que tudo tinha fundamento, simples e sensatas opiniões poderiam ser punidas, pelo que, dadas as circunstâncias, as precauções da minha família eram proporcionais. Afinal de contas, as repercussões potenciais não eram uma brincadeira nos anos 80.

O poder da União Soviética poderia estar já em declínio quando eu era pequeno, mas a lei da terra – o código criminal da República Soviética Federativa Socialista Russa – mantinha-se muito presente e reiteradamente reforçada, especialmente no que dizia respeito ao artigo 70, respeitante à chamada agitação anti-Soviética. De acordo com esta norma, as pessoas podiam ser presas, julgadas e condenadas por «propaganda